

PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS

TECNOLOGIAS, GÊNERO E SOCIOEDUCAÇÃO

RAIMUNDO CARVALHO MOURA FILHO
GILVAN DA SILVA ALVES
DOUGLAS LIMA
(ORGANIZADORES)

**PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS:
TECNOLOGIAS, GÊNERO E
SOCIOEDUCAÇÃO**



RAIMUNDO CARVALHO MOURA FILHO
GILVAN DA SILVA ALVES
DOUGLAS LIMA
(ORGANIZADORES)

**PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS:
TECNOLOGIAS, GÊNERO E
SOCIOEDUCAÇÃO**

1ª Edição

Quipá Editora
2024

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Dra. Francione Charapa Alves, Universidade Federal do Cariri

Dr. Jarles Lopes de Medeiros, Universidade Estadual do Ceará

Dra. Leonice Alves Pereira Mourad, Universidade Federal de Santa Maria

Dra. Maria Eneida Feitosa, Universidade Regional do Cariri

Dra. Mônica Maria Siqueira Damasceno, Insituto Federal do Ceará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R153p Perspectivas educacionais: tecnologias, gênero e
socioeducação / Raimundo Carvalho Moura Filho ... [et al.]. —
Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024.
63 p. : il.

ISBN 978-65-5376-392-0

1. Educação. 2. Perspectivas educacionais. I. Filho, Raimundo
Carvalho Moura. II. Título.

CDD 370

Obra publicada pela Quipá Editora em setembro de 2024

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

PREFÁCIO

Neste livro, encontramos trabalhos a respeito dos seguintes temas: o uso de tecnologias digitais e o papel da educação no desenvolvimento do alunado. Fala-se aqui sobre um fenômeno particularmente contemporâneo que reforça a necessidade do professor rever e repensar a capacidade contributiva que as tecnologias da informação demonstram. Vemos isso desde a acessibilidade e a interatividade conteudística, ultrapassando assim o uso de ferramentas tradicionais como o caderno, o livro, etc. até o impacto social e emocional que o ambiente virtual demonstra, tornando um novo e significativo espaço de consumo de informações e de sociabilidade. Nestes termos, pensar nas tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem é indispensável.

A importância do papel pedagógico-escolar na inserção de adolescentes em conflito com a lei ao ambiente social. Temos aqui três apontamentos centrais: a identificação deste grupo social em privação da liberdade por estar em conflito com a lei, sendo majoritariamente do sexo masculino, negros, sem vínculo escolar ou profissional e oriundos de famílias extremamente pobres, podendo assim observar o quadro de desigualdade econômica, social e racial condicionante. Vemos, tão logo, a importância basilar que o acesso ao ensino básico

tem para que este grupo social venha a ser reinserido no meio social.

Sobre a importância do brincar e o uso de brincadeiras no desenvolvimento integral da criança. Aqui temos tanto a necessidade de ressaltar a importância do brincar no processo de ensino aprendizagem quanto trazer para o contexto de sala de aula, muita das vezes ignorada, para não dizer negligenciada, no ensino infantil e básico. A ato de brincar, aqui, é visto como um importante estímulo no desenvolvimento de habilidades como atenção, memória, imitação e imaginação, mas sobretudo como um elemento aditivo na constituição de sua noção de realidade, partindo desde a criação de representações do mundo adulto, desde o reconhecimento do outro com brincadeiras de faz de conta, como também permite levar à um maior engajamento da criança para determinada atividade proposta, permitindo-a ficar mais à vontade e mais livre. Nestas considerações, é perceptível que o ato de brincar vai muito além do que uma simples recreação.

Nesta problemática, cabe ao professor, sobretudo, conduzir o ato de brincar que busque o desenvolvimento integral do alunado. E para tanto, devemos partir dos seguintes pressupostos: a interatividade, isto é, a interação entre todos os alunos da classe, evitando assim a exclusão entre colegas e a formação de grupos específicos; a adequação à realidade social

dos alunos e a atratividade das atividades propostas em sala de aula, visando que os mesmos são sempre os protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, além de ser o caminho mais importante no desenvolvimento do alunado; e, não menos importante, observar sempre as atividades propostas dentro de um planejamento cujo objetivo maior seja o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. Cabe salientar aqui não apenas o ato de brincar no processo de desenvolvimento da criança, deve-se pensar, em termos práticos, a sistematização da brincadeira dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Pensamos, em último ponto, a questão de gênero. Desde a urgente demanda até a busca da desmarginalização e da superação de estereótipos relativos a grupos minoritários, exclusivamente a respeito da comunidade LGBTQIA+ como também a respeito sobre as relações de Gênero, coube fazer um levantamento que trouxesse o contexto de violência e opressão sexual, incubindo na postura no âmbito familiar, a falta de oportunidades profissionais, a falta de protagonismo em espaços dominados por homens, como, em últimos caso, como bem pontuado, a patologização da transsexualidade. De certa maneira, a tomada de consciência a respeito da interseccionalidade e a respectiva luta por igualdade fazem-se aqui como proposta de superação de significativas desigualdades.

Diante desses trabalhos pode-se observar como núcleo em comum a sua atualidade referente à educação. Problemas que, se imaginados em meados do séc. XX, pouco obteriam espaço e reverberação no meio acadêmico, isto por fatores como postura negligente ou preconceituosa sobre alguns temas aqui supracitados, seja pela inexistência destes problemas, tais como o uso de tecnologias da educação, ou pela reiteração, quase que estrutural, de uma educação de todo conteudística. Vendo, em um contexto completamente distinto, carregado pela ampliação da visibilidade de minorias, como também a importância de ver e reconhecer o outro para o exercício pleno da cidadania, e não menos afetado pelo acesso desmedido da informação na contemporaneidade ao ponto de trazer severas desinformações, além do repensar atitudes e práticas em sala de aula, fazem-se elementos centrais no pensar a educação no mundo atual. E, a partir disto, este livro tem, como principal objetivo, trazer considerações contributivas sobre o pensar educacional a partir dos contextos aqui apresentados, tendo, como orientação, uma educação inclusiva, igualitária e acessível a todos.

Douglas Lima

INTRODUÇÃO

Gilvan da Silva Alves¹

Estamos vivendo na era digital, diante de tantas informações é importante que a escola forme indivíduos críticos, criativos, reflexivos, íntegros e autônomos. Sendo assim, é impossível viver em sociedade sem lidar com questões como direitos humanos, religião, gênero, sexualidade, raça e diferenças culturais. O nosso país é diverso culturalmente e a favor da pluralidade de pensamentos, por isso não se deve limitar o que é ensinado a apenas um modo de pensar.

A escola é uma instituição social, historicamente considerada, inserida numa certa realidade na qual sofre e exerce influência. Não é uma instituição neutra perante a realidade social. Deve organizar o ensino, de forma a considerar o papel de cada indivíduo e de cada grupo organizado dentro da sociedade. Sua função, portanto, é preparar o indivíduo proporcionando-lhe o desenvolvimento de certas competências exigidas pela vida social. É também dar-lhe uma compreensão da cultura e uma 'visão de mundo' e prepará-lo para [a] cidadania. [...] Assim, a educação escolar é caracterizada por ser uma atividade sistemática, intencional e organizada – organizada no que diz respeito aos conteúdos, e sistemática no que se relaciona aos métodos que utiliza (Schmidt 1989, p. 12):

¹ Licenciado em Português/Inglês (UEMA). Professor efetivo na rede de educação básica (SEMED). E-mail: gilvanalvess@gmail.com

Nessa perspectiva, este trabalho fará uma abordagem sobre várias temáticas que envolve o ambiente escolar e suas práticas como instituição que garanta ao indivíduo o direito ao acesso a uma educação de qualidade. Seguindo essa linha de raciocínio os textos aqui apresentados abordam a escola enquanto instituição formadora que tem como função primeira promover caminhos que possibilitem aos alunos a apropriação de conhecimentos para que possam se posicionar criticamente em seu espaço social, a escola enquanto instituição inclusiva que defende que o ambiente escolar deve ser adaptado para atender às necessidades de todos os alunos, promovendo a diversidade e a igualdade de oportunidades e a escola enquanto instituição ressocializadora que tem como princípio formar um cidadão para ingressar em uma sociedade justa, humana capaz de proporcionar ao sentenciado, a oportunidade de rever seus atos antissociais.

O primeiro texto discute o papel da escola em relação as tecnologias na educação infantil nesse contexto, se observa que A tecnologia na educação infantil é uma ótima forma de proporcionar estímulos diferentes às crianças, contribuindo para o seu pleno desenvolvimento. Além disso, as ferramentas tecnológicas ajudam inclusive a desenvolver habilidades socioemocionais, estimulando os alunos a construir o conhecimento em conjunto sob essa ótica, o texto evidencia o

papel da escola em relação as tecnologias pois é nela que as crianças passam a maior parte da sua vida, sendo assim as tecnologias digitais nessa modalidade de ensino são de grande utilidade pois elas podem ser utilizadas como forma de facilitar os ensinamentos e agregar melhorias nas práticas pedagógicas.

O segundo texto traz como temática o espaço escolar como inserção social de adolescentes em conflito com a Lei, diante do exposto o trabalho tem como propósito identificar e discutir dados sobre jovens que estão em sistema de privação de sua liberdade e conduz o leitor a uma reflexão sobre como a escola pode auxiliar na reconstrução dos jovens infratores e sua reinserção na sociedade já que esses jovens são aparados pelo Estatuto da criança e do adolescente. Diante desse cenário o enxerto mostra a importância da escola no direcionamento desses jovens a novos caminhos pois a escola em seu contexto dá oportunidades aos jovens novos horizontes.

Inserido na proposta do primeiro texto o terceiro capítulo traz em seu contexto a importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança, o brincar é uma atividade que auxilia na formação, socialização, desenvolvendo habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais. Ao brincar as crianças expõem seus sentimentos, aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam. Nessa perspectiva o texto analisa a

importância do brincar no desenvolvimento integral da criança na educação infantil e o professor como mediador de uma aprendizagem significativa desses alunos nessa etapa do ensino fundamental.

O último texto traz como temática o conceito de gênero e explica como esse termo pode ter vários significados e que os movimentos feministas e da comunidade LGBTQIAPN+ foram decisivos no reconhecimento desses direitos e a inserção dessas pessoas na sociedade na política e no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHMIDT, L. M. A desconhecida dinâmica da escola. In: RIBAS, M. H. (Org.). Formação de professores: escolas, práticas e saberes. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

**EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DA ESCOLA EM
RELAÇÃO AS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL** 13

**O PAPEL DO ESPAÇO PEDAGÓGICO-ESCOLAR
NA INSERÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES EM
CONFLITO COM A LEI** 21

**EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO
BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL
DA CRIANÇA** 31

**GÊNERO: UMA CONSTANTE LUTA PELO
RECONHECIMENTO DE GRUPOS SITUADOS
COMO UMA MINORIA** 48

EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DA ESCOLA EM RELAÇÃO AS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Andressa Rocha da Silva dos Santos²
Raimundo C. Moura Filho³*

Resumo

Neste capítulo será discutido sobre o papel da escola em relação as tecnologias na educação infantil. Sabe-se que as tecnologias vêm sendo cada vez mais utilizadas na vida das pessoas, sejam em casa, no trabalho, na escola etc. Elas são fundamentais e de grande ajuda para auxiliar no desenvolvimento das crianças, se usadas corretamente. É importante que a escola e os professores saibam manusear as máquinas de tecnologias digitais para um melhor aproveitamento das mesmas e até poderem ensinar as crianças como elas podem usar de maneira correta e saudável.

INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais estão tomando cada vez mais espaço no cotidiano familiar, escolar e em geral nas vidas das pessoas. Elas chegaram para agregar principalmente no âmbito educacional se usadas de maneira adequada. Com as

² Estudante do curso Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

³ Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professor Efetivo na Universidade Estadual do Tocantins e Substituto na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

constantes inovações da sociedade, práticas e maneiras de ensinar surgindo, é indispensável o uso de tecnologias nas salas de aula atualmente, principalmente na educação infantil, onde as imagens reproduzidas através das telas de computadores ou data shows chamam muito a atenção e fomentam a curiosidade das crianças.

Já que, de acordo com Souza (2019, p.1582):

[...] a questão chave da implantação de novas tecnologias de suporte à educação é fazer com que o aluno tenha interesse e motivação para buscar a informação desejada, fazendo com que o aluno se torne um sujeito ativo, ele passa a questionar o conhecimento e a realidade para saber o porquê das coisas, além de adquirir a independência crítica, ou seja, a criança passa a ser construtora do próprio conhecimento.

O papel da escola em relação as tecnologias na educação é de suma importância, devido a esse meio ser um lugar onde as crianças passam grande parte da sua vida (5 dias da semana, toda semana) então a escola tem que estar seguindo o ritmo das inovações que estão acontecendo ao redor do mundo para melhor adequar suas práticas pedagógicas. Visto isso, qual é a relação entre o papel da escola e as tecnologias no desenvolvimento das crianças? De acordo com Machado e Delmondes (2019):

Os benefícios da integração tecnológica são bem conhecidos em diversas áreas, inclusive na educação, onde os recursos tecnológicos devem ser efetivamente empregados e intensamente utilizados, pois a educação é a pedra angular da formação do cidadão, preparando-o para a vida e para a sociedade moderna.

Assim, a escola é um dos principais fatores que contribuem para o desenvolvimento das crianças, e por isso deve usar práticas saudáveis pra ajudar a desenvolver pessoas melhores com influência na educação.

Dessa forma, essa pesquisa bibliográfica visa permear a utilização das tecnologias digitais na educação infantil para que as práticas pedagógicas e o desenvolvimento das crianças seja algo positivo e saudável.

ESCOLA E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Como já visto um pouco, a utilização de tecnologias na educação infantil é muito importante por ser algo interessante e inovador que prende a atenção das crianças e se distancia de práticas pedagógicas tradicionais, como por exemplo: uso de papéis, livros e etc. É visto atualmente algo que não se via no passado: crianças ensinando pais, outros parentes e professores como manusear um computador, um celular etc. Então é necessário que os professores, e todo o corpo docente

(ou pelo menos aqueles que tem mais contato com as crianças no dia a dia escolar) tenham o conhecimento e habilidade de manusear as máquinas e as tecnologias passa usá-las ao seu favor e até mesmo ensinar as crianças a como manusear de um jeito saudável não só para elas como para os pais também: como limitar o uso de tela, pois ,se demais, também pode ser prejudicial e etc. Então estar sempre buscando formas de melhoras seus conhecimentos e habilidades é algo fundamental para educadores.

O mundo das tecnologias é vasto, com muitas opções que podem ser usadas de maneiras eficientes e o mais importante para as crianças: de maneira lúdica. Como escrito por Delmondes e Machado (2019):

Os alunos se sentem mais atraídos pela aula, e se desenvolvem de forma satisfatória. É um momento de incentivar e acolher as crianças na educação infantil a fim de trazer um ensino de qualidade, despertar a curiosidade e a imaginação, trazendo o aluno o mais próximo ao professor, fazendo assim aumentar o interesse em aprender, transformando a sua rotina mais prazerosa e instigadora, no ponto de vista emocional, um sentimento de acolhimento.

O uso das tecnologias não traz benefícios somente para o intelectual da criança e do professor mas também para o social e emocional e o professor não tem que buscar nelas

somente como manuseá-las para passar conhecimento, pois o seu uso também influencia na relação professor-aluno. Dessa forma, a relação professor-aluno é de suma importância para que se tenha, dentro de sala de aula e na escola ao todo, um ambiente de troca de afetos mútuos, onde a comunicação e transparência seja algo contínuo e que facilite o processo de ensino-aprendizagem. O aspecto emocional é parte essencial da construção da criança e segundo Vygotsky (2001 *apud* Piletti; Rossato, 2017, p 81 a 99) o meio onde ela vive é importante para sua construção, e a relação de troca com seu professor ajuda a moldar seu caráter:

Em quanto no passado à concepção mais aceita era, a criança vista como uma tabula rasa, um ser desprovido de conhecimento; na atual conjuntura contemporânea, a criança é entendida como um indivíduo com habilidades que precisam ser desenvolvidas para acompanhar a evolução das tecnologias digitais (Barbosa *et al.*, 2014, p.2897).

As crianças de atualmente chamadas “nativas digitais” por terem nascido nessa Era, tem muito mais facilidade de aprender as coisas mas não deixam de precisar de alguém que as guie, ajudando-as em seu desenvolvimento. A criança não é mais vista como ser desprovido de conhecimento. Atualmente, entende-se que as crianças que nascem têm habilidades que podem ser desenvolvidas nos primeiros anos de sua vida com a

ajuda de um intermediador, e segundo Davis e Oliveira (2010) podendo este ser: pai ou mãe, professor ou até mesmo uma criança mais velha. Crianças, quando bem estimuladas e ensinadas podem ser tornar ótimos adultos, emocionalmente saudáveis e bons intelectuais. Incentivar a criança a ativar aquilo que já tem dentro dela é essencial para ela descobrir suas capacidades e saber até onde pode chegar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que as tecnologias digitais são de grande utilidade no cotidiano escolar e, atualmente, essenciais para se ter em casa e na escola, pois, usando a criatividade, elas podem marcar as infâncias significativamente, não se pode negar que o papel da escola em relação as tecnologias é o de estar preparada para lidar com tais, as usando de maneira saudável e como forma de facilitar os ensinamentos e agregar melhorias nas práticas pedagógicas.

Conforme discutido pelos autores, as tecnologias ajudam no desenvolvimento das crianças, o ambiente fica mais interativo e acolhedor, fazendo, assim, com que a relação professor-aluno seja saudável e de uma troca de afetos mútua com o aluno aprendendo com o professor e o professor aprendendo com o aluno. As tecnologias tem um lado negativo se não usadas corretamente, mas elas vieram para facilitar as

formas de ensinar e de se relacionar com os alunos, se usadas de maneiras corretas.

Como visto pelos autores, as crianças tem muito o que aprender mas muito o que ensinar também, elas são uma caixinha de surpresas, cheias de criatividade, energia e amor que alegram, melhoram e mudam o dia a dia dos professores. Elas tem qualidades que não conseguem descobrir sozinhas nos seus primeiros anos. O professor, como mediador, tem seu papel essencial na formação de caráter delas, já que elas são moldadas pelas pessoas e meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gilvana Costa et al. Tecnologias digitais: possibilidades e desafios na educação infantil. In: **ESUD–XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância**. 2014.

DELMONDES, Cristiane de Oliveira; MACHADO, José Henrique Rodrigues. **O uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil**. 2022.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Psicologia na educação**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da aprendizagem**: Da teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Contexto, 2017.

SOUZA, S. M. S. Tecnologia na educação infantil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS,

GESTÃO E PRÁTIS EDUCACIONAL, 3., 2019, Vitória da Conquista. Bahia: UESB, 2019. p. 1581-1591.

O PAPEL DO ESPAÇO PEDAGÓGICO-ESCOLAR NA INSERÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

*Marta Oliveira da Conceição*⁴

*Raimundo Carvalho Moura Filho*⁵

Resumo

Este trabalho tem como propósito identificar e discutir dados sobre jovens que estão em sistema de privação de sua liberdade, bem como refletir sobre medidas educacionais para estes adolescentes que cometeram práticas infracionais. Como a educação pode ser um elemento fundamental na atuação de reconciliação com a lei, para terem uma reflexão de seus delitos cometidos. Com os fatores educacionais, não voltem a cometer mais crimes, e como a escola pode auxiliar na nova reconstrução dos jovens a serem inseridos novamente na sociedade para ter uma nova oportunidade de um novo começo, determinado seu caminho a ser seguido com base nas leis e para evitar que não seja mas reincidentes seria imposto a eles as medidas educativas. E ressaltar todos os seus direitos que são previstos pela lei, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA). Avaliar quais elementos esses adolescentes iram adquirir com a educação no decorrer do tempo que estarão reclusos. E como poderão traçar seu novo caminho, em harmonia com a justiça e seus conhecimentos adquiridos no tempo de desenvolvimento quando estava privado de sua liberdade com os fatores educativos. Se construindo

⁴ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão(UEMASUL).

⁵ Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professor Efetivo na Universidade Estadual do Tocantins e Substituto na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

cada um com sua singularidade e se transformando a partir da educação.

Palavras-chave: Medidas Educativas, Conflito Com a Lei, Sociedade, Jovens.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca demonstrar que o ambiente educacional é a melhor forma de adquirir conhecimentos para diversos aspectos da vida, possibilitando que os indivíduos se tornem significativos para o meio em que vivem, respeitando sua singularidade. A escola desempenha um papel fundamental na vida de crianças e adolescentes, pois é por meio dela que novos caminhos se abrem, oferecendo oportunidades de formação e desenvolvimento a partir dos conhecimentos adquiridos. Assim, o aluno pode se desenvolver de maneira única, preparando-se para viver em sociedade.

Quando crianças e adolescentes não têm acesso adequado à educação, podem acabar trilhando caminhos fora da escola. Muitos ingressam no ambiente escolar, mas, por diferentes circunstâncias, acabam abandonando os estudos e seguindo trajetórias contraditórias, muitas vezes em desacordo com a lei e entrando em conflito com a sociedade. Uma das razões frequentemente apontadas para o abandono escolar são os fatores econômicos: famílias em situação de vulnerabilidade

não conseguem oferecer o suporte financeiro necessário para que o jovem continue estudando. Esse problema é ainda mais recorrente entre jovens que vivem em regiões periféricas. Diante dessa realidade, muitos jovens deixam a escola para trabalhar e ajudar suas famílias, mas não conseguem conciliar os estudos com o trabalho, acabando por abandonar a escola e, eventualmente, se aproximando do mundo da criminalidade. Consequentemente, passam a ser vistos de forma negativa pela sociedade.

Quando esses jovens são marginalizados no ambiente em que vivem, muitas vezes são rotulados como “marginais” e, em alguns casos, acabam privados de sua liberdade, cumprindo medidas socioeducativas em sistemas de privação de liberdade, onde são acolhidos para refletirem sobre seus atos infracionais. A trajetória complexa desses adolescentes, marcada pela ausência de fatores educacionais, pode levá-los a cometer delitos contra a lei.

A escola, nesse contexto, oferece uma nova oportunidade para esses jovens que se encontram em conflito com a lei, ajudando-os a traçar um novo caminho. Ao serem integrados em sistemas de privação de liberdade, eles recebem acompanhamento de educadores, que aplicam medidas educativas para que esses jovens possam, um dia, se reintegrar à sociedade e desenvolver um projeto de vida positivo.

Nesse sentido, a escola desempenha um papel fundamental na inserção desses jovens em espaços pedagógicos nos sistemas de privação de liberdade, garantindo um tratamento acolhedor e o respeito aos direitos assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Jovens privados de liberdade

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é classificada como criança a pessoa com até 12 anos de idade, enquanto o adolescente é aquele que tem entre 12 e 18 anos. As medidas socioeducativas destinadas a esses jovens são instituídas conforme o ECA (Brasil, 1990) e os artigos 121, 123 e 124, que destacam "a condição peculiar de desenvolvimento, a excepcionalidade e brevidade da medida, a obrigatoriedade de atividades pedagógicas e profissionalizantes, além de atividades culturais, esportivas e de lazer" (Padovani; Ristum, 2013, p. 972).

Ao observar o cenário dos jovens em conflito com a lei, uma pesquisa realizada em 2018 pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) divulgou dados sobre adolescentes reclusos em sistemas de privação de liberdade. Esses adolescentes, afastados de suas casas por motivos de infrações legais, permanecem em regimes educacionais para cumprir as medidas relativas aos atos cometidos.

Outra importante pesquisa realizada em 2003 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) apresentou dados sobre jovens em conflito com a lei que estão privados de liberdade para cumprir medidas socioeducativas relacionadas aos crimes cometidos:

Em 2013, 95% eram do sexo masculino e 60% deles tinham idade entre 16 e 18 anos. Dados de 2003 indicam que mais de 60% dos adolescentes cumprindo pena nesse ano eram negros, 51% não frequentavam a escola e 49% não trabalhavam quando cometeram o delito. 66% deles viviam em famílias consideradas extremamente pobres (Brasil, 2015)

Esta pesquisa identificou que a maioria dos jovens em situação de privação de liberdade é do sexo masculino. Esses dados revelam uma informação importante: metade desses adolescentes são negros e pobres. Muitos deles nunca frequentaram a escola, e outros abandonaram seus estudos no meio do caminho. Para ajudar suas famílias, acabam trabalhando desde cedo. No entanto, durante suas jornadas de trabalho, muitos se envolvem com as banalidades do mundo e acabam cometendo crimes. Não pretendo justificar os atos cometidos por eles, nem as infrações à lei decorrentes de suas trágicas histórias de vida. Pelo contrário, desejo mostrar à sociedade que esses jovens podem se redimir de seus erros e ocupar um lugar digno na sociedade através de práticas

pedagógicas. Esse entendimento é ampliado pelo conhecimento apresentado por Rolim (2006, p. 56):

Diante da violência juvenil há a tentação de “explicá-las” a partir de determinados modelos ou paradigmas conceituais. Ocorre que essa é uma época sem modelos, um tempo pós-paradigmático, que envolve uma sociedade angustiada.

O espaço pedagógico-escolar

Com o espaço pedagógico-escolar, os jovens em conflito com a lei poderão cumprir suas medidas educativas por meio da educação. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Brasil, 1990) destaca todas as funções a serem desenvolvidas com ações educativas voltadas a esses jovens, proporcionando um ambiente adequado para a reconstrução de suas vidas. Esse espaço deve ser destinado exclusivamente a esses adolescentes, onde educadores especializados aplicarão medidas pedagógicas para promover a reintegração social e a redenção de suas infrações. O ambiente deve ser acolhedor, contando com profissionais preparados para atender às necessidades dos jovens durante o período de privação de liberdade. Com esse tipo de atendimento, espera-se que os jovens não voltem a se envolver em atos infracionais, conforme sugerem Padovani e Ristum (2013, p. 972) em seu estudo:

Isso porque a internação implica uma descontinuidade que lhes assegura uma chance de rever o caminho trilhado até o momento da apreensão. Por conseguinte, essa parada promove, na maioria dos casos, uma ruptura na vida infracional.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Brasil, 1990) ressalta como os jovens infratores devem cumprir as medidas socioeducativas que lhes são aplicadas, conforme definido no artigo 112:

Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

- I - advertência;
- II - obrigação de reparar o dano;
- III - prestação de serviços à comunidade;
- IV - liberdade assistida;
- V - inserção em regime de semi-liberdade;
- VI - internação em estabelecimento educacional;
- VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI.

Conforme o ECA determina, as medidas a serem cumpridas pelos jovens infratores devem estar de acordo com a infração cometida. Para isso, é necessário oferecer um espaço adequado, onde esses jovens tenham garantidos todos os seus direitos e sejam acompanhados por profissionais capacitados, como o pedagogo. Esse espaço deve acolher os jovens e promover atividades dinâmicas que contribuam para sua reeducação.

Educadores preparados precisam atuar nesses ambientes, oferecendo um atendimento individualizado, compreendendo as necessidades específicas de cada jovem e prestando o apoio necessário para auxiliá-los em seu processo de reabilitação. A proposta é desenvolver um trabalho bem feito, promovendo a socialização e o compartilhamento dos conhecimentos produzidos pelos alunos.

O objetivo é estimular nesses jovens o desenvolvimento dos conhecimentos que a educação pode proporcionar, ajudando-os a encontrar um novo caminho e a administrar suas vidas de maneira adequada. A educação deve ser apresentada como um dos principais fatores na reconstrução de suas vidas, permitindo-lhes a redenção de seus atos infracionais e a reintegração na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento final do trabalho, compreender os dados sobre os jovens em conflito com a lei é fundamental para entender quantos deles abandonaram a escola e se envolveram em práticas ilegais. As experiências escolares têm o potencial de transformar essas vidas, especialmente quando medidas educativas adequadas são aplicadas, sempre respeitando os direitos garantidos por lei.

Se esses jovens cumprirem rigorosamente as atividades propostas no espaço pedagógico-escolar, terão a oportunidade de serem reintegrados à sociedade e reconhecidos como cidadãos pertencentes ao seu meio. É essencial que essas atividades sejam cumpridas de maneira eficaz, garantindo que não voltem a infringir a lei.

As experiências vivenciadas enquanto estavam em sistemas de privação de liberdade devem servir como momentos de reflexão e mudança em suas vidas. Muitos desses jovens tiveram sua trajetória educacional interrompida por não terem frequentado a escola ou por terem abandonado os estudos. No entanto, a educação é um direito de todos, conforme estabelecido pela Constituição Federal Brasileira de 1988, no art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

É fundamental mostrar que a educação é de extrema importância e que os jovens, quando inseridos no contexto escolar, podem desenvolver um novo projeto de vida e alcançar a redenção de seus crimes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, **Senado**, 2010.

BAQUERO, R. V. A.; LEMES, M. A.; SANTOS, E. A. dos. Histórias de vida de jovens egressos de medidas socioeducativas: entre a margem e a superação. **Educação**, v. 34, n. 3, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Relatório da consulta pública: metas nacionais 2020. Brasília: **CNJ**, 2019.

Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: **Imprensa Oficial**, 2002. BRASIL.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Relatório econômico. Brasília: **Ipea; IBGE**, 2014.

PADOVANI, Andréa Sandoval; RISTUM, Marilena. A escola como caminho socioeducativo para adolescentes privados de liberdade. **Educação e Pesquisa**, v. 39, p. 969-984, 2013.

EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

Denise Moura Sabino⁶

Raimundo Carvalho Moura Filho⁷

Resumo

No presente discute-se a importância do brincar para o desenvolvimento da criança na rede da educação infantil, visto que o brincar é uma das principais interações das crianças. Neste sentido é importante que seja inserido na educação básica como forma de ensino e aprendizagem buscando promover interação entre crianças, com o objetivo delas se desenvolverem integralmente. A problemática surge para nos questionar: De que forma o brincar contribui para o desenvolvimento integral da criança? Para responder essa problemática traçamos o seguinte objetivo geral: Analisar a importância do brincar no desenvolvimento integral da criança na educação infantil. Utilizamos como referenciais teórico Vygotsky (1991); Veiga (2011) e RCNEI (1998). Nesta perspectiva, esta prática é reconhecida pelas crianças como um aspecto significativo, onde uma das principais função do professor é de promover uma aprendizagem significativa que traga sentido para as crianças.

INTRODUÇÃO

O profissional da educação infantil, em específico os professores, tem o papel de colaborar e proporcionar às

⁶ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão(UEMASUL).

⁷ Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professor Efetivo na Universidade Estadual do Tocantins e Substituto na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

crianças uma educação de qualidade. Isso impacta positivamente a vida dessas crianças, ajudando-as a entender e compreender a realidade em que vivem. Nesta perspectiva, o processo de desenvolvimento da criança na educação infantil vai além da formalidade em sala de aula, com o objetivo de proporcionar um ensino e uma aprendizagem que sejam significativos para elas. Jogos e brincadeiras são fundamentais, pois promovem a socialização, exploração e interação, essenciais para o progresso da aprendizagem (Piaget, 1976).

Entretanto, não se pode ignorar as dificuldades enfrentadas pelos professores tanto no ensino quanto na aprendizagem. É válido salientar que o professor deve buscar as melhores metodologias e abordagens de ensino, por meio de suas práticas pedagógicas, que são de extrema relevância para o processo de ensino e aprendizagem das crianças (Vygotsky, 1984).

Portanto, através do brincar, quando implementado de forma significativa na educação infantil, as crianças podem interagir de várias maneiras, trazendo consigo diversos significados e valores. Nos jogos, elas ressignificam o que vivenciam e sentem, uma vez que a brincadeira faz parte do seu cotidiano e sempre traz sentido à vida dos pequenos. Assim, os educadores devem utilizar jogos como ferramentas de ensino,

buscando sempre promover um ensino e uma aprendizagem de qualidade (Friedmann, 1996).

Este trabalho está dividido em 04 tópicos, visto que o primeiro traz a introdução salientando sobre a temática em estudo, trazendo o contexto em que a pesquisa foi realizada, apontando a problemática e os objetivos específicos e geral, trazendo a metodologia e os teóricos que fundamentarão a pesquisa aqui apresentada e por fim trazendo a estrutura do artigo. No segundo tópico falaremos sobre a importância que a brincadeira traz para o desenvolvimento integral da criança. No terceiro tópico vamos abordar sobre as práticas pedagógicas reflexivas voltadas para o ensino e aprendizagem e por fim vamos trazer o último tópico com as considerações finais desse artigo.

O PAPEL DAS BRINCADEIRAS NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

As brincadeiras e jogos não são atividades apenas divertidas e prazerosas como muitos imaginam, ela tem como finalidade promover interação social da criança no período que corresponde a infância. Neste sentido, o RCNEI (Brasil, 1998, p. 22), vem afirmar que: “O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela

desenvolva sua imaginação”. Por isso é tão importante que essa prática seja implementada, pois o brincar desperta a imaginação da criança, tornando-a um ser criativo e desenvolvido.

Desta forma o brincar pode assumir muitas formas, desde brincadeiras estruturadas com regras claras até atividades mais livres e criativas, focando sempre no ensino e aprendizagem dos pequenos, visto que podem incluir jogos de tabuleiro, atividades ao ar livre, esportes, videogames e outras formas de entretenimento, trazendo sempre significado para essas brincadeiras. Assim, qualquer que seja a modalidade da brincadeira ela desempenha um papel importante no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. “Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação” (Brasil, 1998, p. 22). Se as brincadeiras podem desenvolver essas habilidades que são tão importantes para o desenvolvimento integral da criança por que não são implementadas nas outras modalidades de ensino? E por que na educação infantil elas são vistas como perda de tempo?

Neste sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) salienta sobre os dois eixos que são de suma importância na prática pedagógica dos professores de educação infantil que são a interação e o brincar, pois são, “[...] experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de

conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização” (Brasil, 2018, p. 37).

Nesta visão o brincar e a interação não se limitam apenas na diversão e no falar da criança, vai muito além disso, pois quando o professor usa esses elementos a favor dele, certamente despertará na criança o interesse por participar das atividades propostas, visto que muitas das vezes quando chega a hora de fazer as atividades práticas as crianças se desmotivam e acabam não se sentindo à vontade, para fazer tal coisa. “A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas, sobre o eu e sobre o outro” (Brasil, 1998, p. 22). Assim cabe ao professor usar o brincar significativo para as crianças se sentirem mais à vontade na hora da execução das atividades proporcionando uma brincadeira lúdica fazendo com que a criança use sua imaginação na tentativa de desvendar alguma atividade lúdica produzida pelo professor, pois existem várias maneiras de despertar o interesse da criança o professor só precisa ser criativo e conhecer bem seus pequenos. “Pela repetição daquilo que já conhecem, utilizando a ativação da memória, atualizam seus conhecimentos prévios, ampliando-os e transformando-os por meio da criação de uma situação imaginária nova” (Brasil, 1998, p. 23).

O brincar produz uma evolução mental, visto que a criança percebe o mundo aos poucos, e por meio de estímulos ela alcançar um ótimo desenvolvimento integral, pois a partir do momento em que elas se esforçam para imitar e recriar sua vida cotidiana nas brincadeiras, certamente estão despertando novos conhecimentos que são essenciais para a sua vida em comunidade. “A diferenciação de papéis se faz presente sobretudo no faz-de-conta, quando as crianças brincam como se fossem o pai, a mãe, o filhinho, o médico, o paciente, heróis e vilões etc., imitando e recriando personagens observados ou imaginados nas suas vivências” (Brasil, 1998, p. 22).

Nesta perspectiva, ressaltamos que a brincadeira faz parte da vida da criança desde seus primeiros dias de vida com brinquedos interativos, que provocam respostas percebidas pelos pais como reações a esses estímulos, assim o ato de brincar não é, então, apenas percebido na escola, pois a recreação motivada pelas pessoas ao redor desde a tenra idade transmite para a criança esse primeiro contato tão necessário para seu desenvolvimento integral. Então podemos nos indagar por que é tão importante o brincar na Educação Infantil? Esta pergunta muitos autores respondem dizendo que é importante porque a escola fará parte da vida da criança, pois o que se passará nesse ambiente será percebido com maior significado já que a maior parte de sua infância ela passa na escola, por

isso é importante que o ato do brincar não seja apenas na educação infantil, mas que ele se expanda para os anos iniciais já que é tão importante.

Além disso, o papel do ambiente escolar será também integrar a brincadeira como mais um meio de estimular, mas essa atribuição ganha aspectos mais significativos, pois a contribuição no desenvolvimento da criança abrange um campo amplo. Segundo Vygotsky (1991), que observou como a brincadeira estimula o desenvolvimento da criança, escreveu seus diversos resultados para ampliar a perspectiva de como o ato de brincar seria eficaz nos campos determinados, também nos ajuda a entender o assunto ao exemplificar com a brincadeira estipulada faz-de-conta, que contribui para o desenvolvimento da linguagem escrita da criança devido ao seu sistema de simbolismo. Seus estudos nesse quesito foram resultados observados da brincadeira que consiste em dar a criança o nome de algo associando-o a um objeto familiar, por exemplo um livro em pé simbolizava uma casa, ou seja, a associação então era feita pela característica mais marcante que facilitaria a relação entre os dois componentes, neste ponto de vista, a própria criança encontraria e faria a relação explorando os resultados possíveis.

Desse modo, o autor nos mostra como a brincadeira permite a criança de explorar resultados, tendo experiências

positivas, resolvendo problemas de associação de forma criativa.

Nesta perspectiva, Brougère (2011, p. 24) afirma que, “[...] atribuir às significações de vida comum um outro sentido, o que remete à ideia de faz-de-conta, de ruptura com as significações da vida cotidiana”. Por mais que não seja uma casa a criança consegue fazer assimilações, pois durante sua vida, ela consegue entender que casa é o local onde ela mora, e existe um formato que na percepção delas são padrões, e se pedíssemos para várias crianças fazerem uma casa, certamente todas seriam bastante semelhantes. Ausubel (2003) afirma que a aprendizagem é significativa quando a criança consegue fazer assimilações de algo que elas aprenderam anteriormente, com aquilo que ela está aprendendo, ou seja, usa-se a ancoragem da aprendizagem nova com a antiga, através das assimilações.

Vygotsky (1991) ressalta que, independentemente da atividade lúdica exercida pela criança na brincadeira, seu desenvolvimento está sendo impulsionado, pois de acordo com o autor ele afirma que cada um de nós, a brincadeira foi importante, mesmo de maneira inconsciente. “Quando utilizam a linguagem do faz-de-conta, as crianças enriquecem sua identidade, porque podem experimentar outras formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens” Brasil,

1998, p. 23). Por isso é tão importante as brincadeiras, visto que elas proporcionam uma percepção e um olhar diferente, desafiando as crianças a serem pessoas que são completamente diferente delas, pois quando elas brincam de faz de conta, elas devem exercer um papel completamente diferente de sua personalidade, e isso é algo incrível que chama muito a atenção do professor pois as vezes os pequenos acabam retratando de forma inconsciente ou não o que se passa no meio em que ele vive, e a maioria das crianças gostam de brincar de ser mãe e pai e acabam mostrando como é o dia a dia delas quando não estão na escola.

Nesta perspectiva, Jean Piaget, ele ressalta que a brincadeira está incluída nesse aspecto por proporcionar progresso cognitivo, na linguagem, noção espacial, além de ser um dos primeiros contatos com outras pessoas de sua idade ou não, dando um significado agradável nessa socialização.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS VOLTADAS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM

A criança, ao estar na escola, começa a ter interação com os demais colegas, visto que isso é muito importante para o seu desenvolvimento, pois a mesma vão criar lações afetivos e convívio com diferentes indivíduos. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) elas

vêm falar que: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (Brasil, 2010, p. 25). Neste contexto, fica evidente que o professor da Educação Infantil, precisa trabalhar esses dois eixos que são os principais já que envolve a interação através do desenvolvimento da oralidade e envolvimento ativo da criança, pois devemos sempre lembrar que os protagonistas da sala de aula são os pequenos.

Cabe ao professor através das práticas pedagógicas, incentivar e buscar meios para que seus pequenos se desenvolvam integralmente, fazendo com que as crianças se envolvem em pequenos grupos, observando se todas estão interagindo uma com as outras. Por mais que sejam crianças, no momento da acolhida, podemos observar que elas fazem seleção de amigos, que acabam deixando uma ou mais crianças de fora do ciclo social, visto que as vezes percebemos que os pequenos brigam por um mesmo brinquedo, local onde vão se sentar, enfim são várias situações de conflito que podem ser observadas em sala de aula, mas de acordo com RCNEI, ele vem falar que essa é uma forma da criança se opor em relação as outras, ou seja, “[...] afirmar o seu ponto de vista, os seus desejos [...]. Embora seja de difícil administração por parte do adulto, é bom ter em vista que esses momentos desempenham

um papel importante na diferenciação e afirmação do eu” (Brasil, 1998, p. 23).

As práticas pedagógicas dos professores precisam ser pensadas na realidade das crianças, pois o papel principal do professor na sala de aula é buscar através de suas metodologias a promoção da educação e processo de aprendizado das crianças, pois seguindo conforme Veiga (2011, p. 22) ela vem falar que os professores que têm uma prática pedagógica reflexiva, e aquele que: “Procura compreender a realidade sobre a qual vai atuar e não aplicar sobre ela uma lei ou um modelo previamente elaborado”. Neste sentido, é importante ressaltar que o professor precisa conhecer bem a turma, em que ele está trabalhando e seu planejamento deve ser voltado para as especificidades de cada criança.

O planejamento na Educação Infantil é um momento que possibilita o educador de encontrar soluções que possam ser pensadas no processo desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, dessa forma, deve ser uma ação diária, em que o professor não somente escolhe as atividades e os conteúdos a serem passados, mas faz todo um processo que deve ser contínuo, onde diagnosticar os avanços e as deficiências de toda a turma e de forma individual (Lobão, 2023, p. 8).

Como já foi falado anteriormente os materiais pedagógicos que o professor leva para dentro da sala de aula, precisam ser atrativos e significativos para as crianças, pois cada uma vive em realidade difere, ou seja, o que pode ser atrativo para uma pode não fazer o mesmo efeito na outra, por isso é importante considerar tais fatores que serão imprescindíveis para o educador, levando sempre em consideração que o professor deve ter uma visão crítica a respeito de suas práticas, que de acordo com Veiga (2011, p. 22) ela ressalta que: “Implica na presença do sujeito crítico capaz de desenvolver uma prática pedagógica que procura, de um lado superar a relação pedagógica autoritária, paternalista e, de outro, buscar uma ação recíproca entre professor e aluno”.

Nesta perspectiva, o professor precisa ser aquele que não trata as crianças como submissas, e suas abordagens de ensino precisam ser voltadas para o ensino e aprendizagem dos pequenos, pois não é possível, proporcionar uma aprendizagem de qualidade quando se é um professor que tem uma visão tradicional, onde as crianças são tabuas rasas e vazias, que não são capazes de se desenvolver sozinhas, que precisam ser atualizadas com as informações disponíveis pelo professor. “Nogueira (2022) afirma que a criança na Educação Infantil deve ser a protagonista, que é o ato de protagonizar e assumir o papel central no palco da vida, e é de suma importância que

todas as crianças tenham essa oportunidade” (Nogueira, 2022 apud Lobão, 2023, p. 6). Neste contexto, o autor deixa claro que a melhor forma e as melhores práticas pedagógicas são aquelas que colocam a criança no centro, que o professor ver os pequenos como indivíduos capazes de aprender através de suas experiências adquiridas no decorrer de suas vidas.

Nesta perspectiva, o professor deve ser capaz de trazer atividades lúdicas que tragam significado para as crianças, e uma das melhores atividades que possam ser traga é o brincar significativo, onde o professor produzira matérias para chamar a atenção dos pequenos, fazendo desafios, pois criança ama ser desafiada, pois esse é o momento de elas mostrarem o quanto elas são inteligentes e capazes de solucionar os desafios e atividades propostas pelo professor.

[...] o brincar deve ser inserido na rotina das crianças, já que nos momentos em que elas brincam de forma mais livre, ou até mesmo na companhia do professor estão expressando seus desejos e agindo da forma que mais se sentem à vontade, o papel do professor é instigar cada vez mais essa “leitura de mundo” que as crianças têm (Lobão, 2023, p. 8).

Neste contexto, fica evidente o quanto é importante inserir o brincar na educação infantil e até mesmo nos anos iniciais, pois é uma modalidade que a criança conhece bem e que

consegue executar com perfeição e cabe ao professor aproveitar esse momento para torná-los inesquecíveis.

Ausubel (2003) afirma que o indivíduo sempre guarda as memórias mais significativas para ele, pois são memórias importantes que jamais serão esquecidas. É por isso que até hoje os mais velhos, sempre lembram da sua infância e falam que gostavam muito de quando eram crianças, pois é justamente nessa época que guardamos as melhores memórias de infância, e quando a aprendizagem é feita de modo significativo, a gente nunca esquece, pois ainda segundo Ausubel (2003), ele ressalta que temos um mecanismo que guardam as memórias mais significativas, e quando é armazenada sem significado, com o tempo será apagada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as análises e ponderações realizadas sobre o assunto abordado neste texto, foi evidenciado o quanto o aspecto lúdico desempenha um papel crucial no progresso das crianças na fase inicial da educação. Com base na revisão de literatura e em outras fontes consultadas, é possível compilar e destacar as principais influências que embasaram teoricamente este artigo.

Pesquisar sobre o assunto significa aprender os minuciosos processos de aprendizagem nos anos iniciais. Como foi ressaltado a importância do brincar em diversos aspectos, tem como finalidade investigar como o desenvolvimento é ativado por meio de momentos lúdicos a longo prazo para a criança. Gradualmente essa relação com a brincadeira irá diminuir, mas não deixará de ter sido um ponto importante no seu desenvolvimento. É a partir desse princípio que a criança terá facilidade em resolver problemas por ter sido estimulada quando mais nova. É o modo da criança ter sua própria linguagem que a faz transitar para a linguagem escrita descrita por Vygotsky.

Viabiliza-se que é evidente que o educando através dos jogos e brincadeiras desenvolverá capacidades com: socialização, interação, e afetividades que são fundamentais no seu processo cognitivo. Ao brincar, a criança se envolve em progresso escolar, esse progresso será uma ponte para seus resultados serem favoráveis em sua vida futura.

Pode-se observar que as práticas pedagógicas contribuem de forma assistemática no cotidiano da criança, isso desde os primeiros anos. É notável que o educador possui um fundamental no processo de ensino da criança, estimulando e colaborando na qualidade das suas práticas pedagógicas, nesse sentido, urge que o educador busque através das suas

metodologias, métodos contribuintes no desenvolvimento integral da criança, nesse sentido, a aplicabilidade dessa prática das brincadeiras para as crianças precisa ser pensada para um resultado efetivo. Um conjunto de elementos precisará ser levado em consideração, como os materiais pedagógicos o contexto de cada criança e conteúdo a ser aplicado. Cada realidade difere para cada educador, assim como para cada criança, portanto considerar tais fatores é imprescindível para o educador.

Considerando-o que o brincar enquanto primeira instância, forma de diversão, exerce atividade pedagógica especial na vida das crianças, ao agregar características específicas em seu desenvolvimento cognitivo, produzindo uma evolução mental, estimulando seu processo de aprendizado. É necessário conhecimento prévio da teoria de ensino que ajam como facilitadoras guiando o professor.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul. Aquisição e retenção de conhecimentos: Uma perspectiva cognitiva. 1 ed. Lisboa: Paralelo Editora, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC, SEF, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. KISHIMOTO, TizukoMorchida (Org.). O Brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

LOBÃO, Lucas Sosthenes Melo. Educação infantil e leitura de mundo: um olhar a partir do estágio supervisionado. Anais IX CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/95418>>. Acesso em: 11/04/2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & Saúde Coletiva, p. 621-626, 2012.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v. 20, n. 43, p. 64-83, mar. 2021.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GÊNERO: UMA CONSTANTE LUTA PELO RECONHECIMENTO DE GRUPOS SITUADOS COMO UMA MINORIA

*Igor Fernando Paula Landim⁸
Raimundo Carvalho Moura Filho⁹*

Resumo

Neste veremos e conheceremos um pouco mais sobre o Gênero, em tese esse termo só pertence ao homem e a mulher porém isso servia só antigamente, hoje na atualidade vemos que essa palavra tem uma extensa linha de significados onde a própria comunidade LGBTQIAP+ entra para essa categoria, a comunidade TRANS por muito tempo foi considerada como um grupo de pessoas que sofriam de uma doença patológica o Transtorno de Identidade de Gênero(TIG) onde eram injustamente diagnosticados como pessoas insanas, loucas e disfóricas por assim dizer. O grupo de feminista conquista seu espaço com muitas lutas e protestos pelas reivindicações dos seus direitos, do reconhecimento, do seu direito de expor sua opinião, de vivenciar a política com inclusão e igualdade, e quebrar esse paradigma de que Gênero é algo limitado.

INTRODUÇÃO

Buscamos compreender um pouco mais sobre a relação de gênero ao longo do tempo até os dias de hoje, observando as falas de alguns grandes autores que abordam esse tema. Mesmo em meio a tantas lutas e conquistas, ainda não há um

⁸ Cursa Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

⁹ Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: raimundo.hist.cesi@gmail.com

espaço completamente garantido na sociedade para as diversas identidades de gênero. Enfatizamos também que o termo gênero tem outros significados atribuídos a ele, pois com o passar do tempo e a evolução das coisas, os significados das palavras também mudam. Apesar disso, ainda existe resistência em falar sobre esse assunto.

Descobrimos que as feministas tiveram um impacto muito importante na luta pelos seus direitos e conquistas, bem como no reconhecimento no espaço político e na ocupação de seu lugar de fala, mostrando sua existência. É fundamental entender o gênero trans e desconstruir o diagnóstico do Transtorno de Identidade de Gênero (TIG), compreendendo que esse diagnóstico é completamente desumano e causa danos irreparáveis à vida dessas pessoas, ao tratá-las como se fossem destituídas de juízo.

É possível perceber uma grade luta pela conquista e os reconhecimentos das mulheres e da comunidade LGBTQIAPN+ em diversas áreas, lutas essas feitas na grande parte com reivindicações e protestos seria assim que intersecção entra nesse contexto histórico?

Então através de análises em estudos feitos por Scott (1995), Butler (2009/2014), Louro (1997), Branco (2008), Hlirata (2014), iremos buscar responder essa pergunta.

CONVERSANDO SOBRE GÊNERO

O que devemos pensar/esperar quando falamos em “Gênero”, é que esse termo é bem amplo se pararmos para pensar, de acordo com (Scott-1995) é uma categoria bem útil para ser analisada e repensada. De fato, o gênero é algo bem complexo se pararmos e buscarmos explorar, mas ao mesmo tempo de fácil compreensão, Scott traz no começo de seu artigo (Gênero uma categoria útil de análise histórica) o significado que é possível encontrar sobre gênero nos dicionários:

"Gênero (gender), s., apenas um termo gramatical. Seu uso para falar de pessoas ou criaturas do gênero masculino ou feminino, com o significado de sexo masculino ou feminino, constitui uma brincadeira (permissível ou não, dependendo do contexto) ou um equívoco " (Fowler, Dictionary of Modern English Usage, Oxford 1940).

O termo Gênero teve um destaque maior com as mulheres feministas nos anos 80 pois elas lutavam por reconhecimento e legitimidade no meio acadêmico daquela época, essas feministas utilizaram esse termo para afirmar que a diferença entre homens e mulheres era apenas uma construção feita e imposta pela sociedade:

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir

que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro (Scott, 1986)

As mulheres em toda sua história foram taxadas como frágeis e incapazes de exercer uma função maior que a dos homens, assim sempre se menosprezadas e tendo a suas imagens denegridas, elas são colocadas de lado até no papel político onde tentam silenciar suas vozes, fazendo assim a figura feminina ser vista como frágil.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da operação homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina (Scott, 1995).

É importante salientar que esse termo teve seu ápice por muitas lutas incansáveis de mulheres feministas e a ajuda de alguns homens que apoiavam a causa que batalharam incessantemente pelo respeito e reconhecimento, por não aceitarem serem vistas como uma criatura frágil, miserável, incapaz de exercer grades papeis na sociedade, pelo desejo de ter direitos iguais aos homens, por desejarem ser reconhecidas e mostrar a sua força a sua voz, pelos objetivo de dar liberdade a elas, por poderem expressar-se e derrubar o patriarcado masculino que as oprimiam:

O conceito de gênero começou a ser utilizado por volta da década de setenta do século passado, referindo-se à construção sócio-cultural dos comportamentos, atitudes, valores e sentimentos dos homens e das mulheres respectivamente, construção essa derivada de um processo histórico de práticas e de relações sociais de dominação e de poder, com manifestações em diferentes planos, tais como nos planos estatal, jurídico, familiar, laboral, educativo e, inclusivamente, dos meios de comunicação e informação¹⁰. Mas esta construção, como argumenta Fariñas Dulce, não foi neutra¹¹, e sim selectiva, já que foi com base nas relações de poder que o gênero feminino foi sendo construído, ao longo dos tempos, como algo inferior e, portanto, como objecto de marginalização e de exclusão social e política (Branco, 2008).

O preconceito contra as mulheres de uma certa forma tornou-se uma cultura no meio masculino e é espantoso saber que algumas mulheres fazem parte do mesmo, embora grupo feminino tenha conquistado um grande espaço em diversas áreas ainda exista a desigualdade que parece perdurar pra sempre, pois mesmo tendo o mesmo cargo que um homem a remuneração delas é inferior um tanto cômico já que as dificuldades enfrentadas são as mesma e isso demos como o poder masculino ainda é superior e ainda tem o controle sobre tais coisas.

Tais ações sofridas pelo grupo de mulheres e pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ antes da década de 80 ainda são comumente vistas atualmente como diminuição de cargos em algumas áreas de trabalho, a desigualdade salarial, o assédio,

agressões físicas e psicológicas assim fazendo com que eles percam o espaço conquistado com tantas lutas.

Além disso o uso mais comum do termo “Gênero” é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos, mas não devemos esquecer que existe uma diferença entre esses dois o sexo é um rotulo definido pelos médicos quando somos gerados, o gênero vai depender da maneira que a pessoa se comporta. A palavra gênero tem diversos significado e não se resume apenas a masculino e feminino, onde se encaixa a comunidade LGBTQIAPN+ então tem uma gama de grupos que se encaixam neste termo.

Assim temos a pessoas transgêneros que são indivíduos que fizeram a mudança de sexo, (Butler-2009) em um dos seus artigos fala sobre a transexualidade onde ela aborda um tema importante que é sobre a despatologização da transexualidade no Estados Unidos, onde antes a pessoa que se identificava com TRANS era diagnosticado com Transtorno de Identidade de Gênero-TIG:

Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados (Butler, 2014).

Receber um diagnostico como esse tira todo o sentido da vida que a pessoa tem, pois o transexual vai ser taxado que

coisas terríveis, levando muitas as vezes a pessoa cometer uma atrocidade colocando sua vida em perigo ou até mesmo cometendo suicídio. As pessoas que são diagnosticadas com TIG de acordo com as avaliações psicológicas sofrem com delírios e são disfóricas, dar um diagnóstico tão errôneo como esse certamente deveria ser um crime, pois uma pessoa Trans que não se identifica com o gênero que nasceu tem toda liberdade de fazer essa mudança. No que implicam também na mudança de nome dessas pessoas. No Brasil temos um decreto que dá o direito a essas pessoas Decreto Nº 8.727, De 28 de Abril de 2016.

O gênero nunca foi uma norma para apontar o masculino e o feminino isso sempre foi algo considerado como uma violência simbólica-que é quando um grupo aceita as normas e regras que outro grupo constituiu, como esses exemplos (menino usa azul e menina usa rosa) e (menino tem que brincar de bola e menina de boneca) essas regras bobas impostas pela sociedade. Se basear nesses pensamentos te limita em muito na sua construção de vida e de conduta social.

Mesmo sabendo que as relações de gênero não devem ter influência no meio social, político e econômico as mulheres ainda sofrem com assédios, diminuição e desigualdade nessa tal famigerada hierarquia machista que buscam meio de

subjugar todo o círculo feminino impondo regras que sempre irão favorecê-los de todas as formas possíveis:

[...] a violência sexual é vista como o caso paradigmático da sexualidade masculina, que incorpora o elemento coerção como o seu elemento constitutivo. Daí que, se a violência sexual é juridicamente classificada como crime sexual, isto deriva, justamente, do facto que, do ponto de vista masculino, o sexo compreende violência, que é considerada lícita se for exercida sob certas condições que constituam, para os homens, a normalidade (Branco, 2008).

Se basear apenas no pensamento de que o termo “Gênero” pertence exclusivamente ao masculino e feminino mostra o quão escarço de conhecimento a pessoa é, não é uma regra esse termo pertencer apenas a masculino e feminino, isso é apenas uma construção algo feito para menosprezar o que é diferente, assim como era/é feito na política, nos locais de trabalho onde o “homem é o maioral e poder superior” e tanto as mulheres e toda comunidade LGBTQIAP+, são completamente rebaixados por essa construção onde implica nas relações sociais.

Fundamentar-se apenas no que os dicionários dizem te limita de todas as formas e em todos os contextos sua a sua capacidade de compreensão, a história pela luta por reconhecimento e as mulheres feministas, a luta pelo respeito

de pessoas transexuais, pessoas Queer e as demais categorias, quando é decidido ignorar todas essas batalhas pelo reconhecimento, o direito do voto as mulheres, pela igualdade, igualdade salarial, respeito e pelos seus direitos perante a sociedade denota que a mentalidade dessas pessoas um tanto fraca no conhecimento dessa área.

O gênero é um elemento construído de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significados as relações de poder (Scott, 1995, p. 86).

Tais relações construídas socialmente tendem a causar uma opressão diante essas classes, o feminismo ainda visto hoje como uma ameaça aos conservadores, pois deveriam ser no pote de vista deles pessoas submissas e controláveis assim tirando seus direitos e sua liberdade, a luta das feministas vem ganhando força a cada dia e a cada luta vencida elas tem seu espaço conquistado, assim como toda comunidade LGBTQIAPN+ tem lutado pelos seus direitos, respeito e reconhecimento perante a todos. O “Gênero” tem sido pauta importante em palestras mostrando a importância sobre o assunto até mesmo no ambiente escolar fazendo com que não seja visto como algo extremamente complexo.

Deve ser levado em conta que existem leis que garantem a segurança dessas pessoas leis que garantem os direitos delas,

no Brasil temos a Lei nº 10.778/2003 que traz as mulheres proteção contra violências: física, moral, psicológica, sexual e patrimonial, a Lei 7.716/2018 condena atos homofônicos e transfóbicos.

Visto que mesmo tendo ganhado espaço e reconhecimento em áreas muito importantes tendo sua liberdade de exercer os mesmos papéis que os homens demonstrando uma gama de saberes e formações em seus currículos, porém nota-se que a desigualdade ainda é praticada de forma habitual diante esses grupos considerados minoria e fracos, vistos pelo poder dos homens como algo descartáveis, onde o grupo menor deve obedientemente aceitar os comandos dados pelos que detém o poder social, econômico, político:

Esta desigualdade tem, pois, a ver com a forma como as relações de poder são definidas e (incorrectamente) distribuídas, estando na sua base uma hierarquia de categorias. Deste modo, a desigualdade genérica entre homens e mulheres está sexualizada como domínio e subordinação¹⁸. Além do mais, estando construída como uma instituição social e política, permite manifestações várias¹⁹, tais como salários desiguais ou trabalhos menos capacitantes, violações, violências sistemáticas e de vária ordem e, até mesmo, depreciação de certas características físicas — o que implica, assim, uma desumanização diária das mulheres (Branco, 2008).

Vemos o quanto ainda é preciso lutar para um reconhecimento de total igualdade e sem quaisquer negligências impostas pelo poder machista que sempre visa desestruturar e derrubar cada conquista feita tanto pelas feministas quanto pela comunidade LGBTQIAPN+ adquirida por meio de muitas e muitas lutas e protestos demonstrando a força ímpar quando pessoas se unem para lutar pelos seus direitos e lutando contra a desigualdade imposta por tal poder que tenta a todo custo silenciar essas fortes vozes, porém esses grupos mostram o quão forte é a interseccionalidade:

A perspectiva da interseccionalidade permite deixar de pensar apenas em termos binários, relacionando gênero e poder, indo mais além e ultrapassando a visão das mulheres como um grupo homogêneo, o que torna muitas situações invisíveis e opacas e não permite que sejam tratadas adequadamente, já que apenas são problemas próprios de determinados grupos de mulheres (Branco, 2008).

É importante ter conhecimento do que é a interseccionalidade e onde ela se encaixa nesse contexto da análise e qual a importância que tem nessa discussão como age e como ela traz resultados positivos sobre o trabalho conjunto dos grupos menos favorecidos, assim mostrando a força de pessoas que desejam lutar pela sua legitimidade, pela sua autonomia sem necessitar sujeitar-se ao papel submissão, mostrando a força feminina, LGBTQIAPN+ e outros grupos afetados pela força machista que vem oprimindo essas pessoas.

Com a categoria da interseccionalidade, Crenshaw (1994) focaliza sobretudo as intersecções da raça e do gênero, abordando parcial ou periféricamente classe ou sexualidade, que “podem contribuir para estruturar suas experiências (as das mulheres de cor)” (Idem, p. 54). A interseccionalidade é uma proposta para “levar em conta as múltiplas fontes da identidade”, embora não tenha a pretensão de “propor uma nova teoria globalizante da identidade” (Idem, ibidem). Crenshaw propõe a subdivisão em duas categorias: a “interseccionalidade estrutural” (a posição das mulheres de cor na intersecção da raça e do gênero e as consequências sobre a experiência da violência conjugal e do estupro, e as formas de resposta a tais violências) e a “interseccionalidade política” (as políticas feministas e as políticas antirracistas que têm como consequência a marginalização da questão da violência em relação às mulheres de cor) (Hirata, 2014).

A intersecção mostra o que a união de pensamentos de diferentes grupos como gênero, raça, sexualidade e classes podem fazer quando se unem para lutar pelos direitos que lhes são negados, a força dessas pessoas que lutam pela igualdade demonstra que machismo detém o poder só até determinado ponto e quando a memória se comporta passivamente aceitando todos os termos estabelecidos pelos homens.

De fato, hoje se reconhece que, por operarem também como matrizes preponderantes de hierarquização, desigualdade social e subordinação na grande maioria das sociedades contemporâneas, racismo e sexismo, ao lado do capitalismo, produzem diferenças relevantes em termos de gênero e raça na experiência de classe –

o que, não raro, pode se traduzir em divergências de interesses entre membros de um mesmo segmento social, (Sardenberg, 2015).

Quando se fala em gênero cria-se uma divisão social onde implica o pensamento de dominação do homem e a submissão da mulher onde é possível ver desde os primórdios que esse sentir-se acima das minorias, Butler ressalta que é necessário uma desdiagnósticação que busca lidar trazer o real sentido da palavra assim como Scott que levanta uma importante ideia de o gênero ganhou seu significado devido as lutas de mulheres feministas na década de 80 que buscava a sua legitimação.

Embora pudesse parecer impossível que mulher e pessoas LGBTQIAPN+, para os homens era impossível que esses grupos conseguissem destaques na comunidade e que tivessem o reconhecimento de muitos , exemplo Marielle Fanco que era negra e lésbica e lutava pelos seus semelhantes e por ter uma grande visibilidade e uma possível ameaças ao sistema machista teve sua vida ceifada cruelmente, outro exemplo e Erika Hilton deputada trans que alcançou esse postos com muita luta e reconhecimento e hoje buscar defender os direitos de mulheres e da comunidade LGBTQIAPN+ e não baixando a cabeça para discursos machistas e preconceituosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a luta feminista pela igualdade social, pelos seus direitos que foram reprimidos por serem consideradas o gênero fraco diante os homens, pois historicamente as mulheres tinham que serem submissas ao homem e a obrigação delas era de servirem eles e simplesmente cuidar da casa e dos filhos e não podiam opinar pois não tinham lugar de fala, política só os homens podiam exercer esse papel, então as mulheres negras, mães e feministas protestaram pelos seus direitos reivindicados para poderem ser inclusas no meio político assim como os homens e terem o seu lugar de fala em meio a sociedade que buscará reprimir de todas as mulheres.

A batalha incessante para desfazer a desigualdade e serem reconhecidas desmistificando a ideia de que as mulheres são totalmente inferiores aos homens e que eram incapazes de exercerem os mesmos papes nas áreas de mais alta patente ocupadas somente pelo sexo masculino.

Falamos também da patologização das pessoas Trans que foi por muito tempo considerada com TIG (Transtorno de Identidade de Gênero) e observamos que esse diagnóstico acusa as pessoas Transexuais de terem algum distúrbio mental e que esse diagnóstico dado de forma errada pe causar sérios

danos ao individuo fazendo com ele se autoflagele ou até mesmo cometendo suicido.

REFERENCIAS

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o Gênero. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009. Disponível em: <https://www.scielop.org/>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. **Petrópolis: vozes**, Rio de Janeiro, p. 14-36, 1997. Disponível em: https://scholar.google.pt/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 11 de março de 2024.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos pagu**, Campinas p. 249-274, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 06 de março de 2024.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: https://scholar.google.pt/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

BRANCO, Patrícia. Do género à interseccionalidade: Considerações sobre mulheres, hoje e em contexto europeu. **Julgar**, n. 4, p. 103-117, 2008. Disponível em:

https://scholar.google.pt/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 02/06/2024.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, p. 61-73, 2014. Disponível em: https://scholar.google.pt/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 02/06/2024.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. 2015. Disponível em: https://scholar.google.pt/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 02/06/2024.

ISBN 978-655376392-0



9

786553

763920